

VIRGÍLIO DE LEMOS E A INVENÇÃO DAS
ILHAS: PERCURSOS POÉTICOS PELOS ESPAÇOS
MOÇAMBICANOS

VIRGÍLIO DE LEMOS AND A INVENÇÃO DAS ILHAS:
POETIC PATHS THROUGH MOZAMBICAN SPACES

Luciana Brandão Leal

Professora Adjunto na Universidade
Federal de Viçosa, atuando no campus
Florestal

Resumo: Este ensaio apresenta análises de poemas de Virgílio de Lemos, considerando temáticas importantes na escrita desse poeta moçambicano, especialmente, os seus percursos pelas ilhas moçambicanas e pelas águas do Oceano Índico. Em sua lírica, sobressaem metáforas que remetem às migrações e aos deslocamentos, configurando um percurso identitário pelos espaços e pelos labirintos da memória do poeta.

Palavras-chave: Virgílio de Lemos, identidade, insularidade, poesia moçambicana, trânsitos.

Abstract: This essay presents analyzes of poems by Virgílio de Lemos, considering important themes in the writing of this Mozambican poet, especially his journeys through the Mozambican islands and the waters of the Indian Ocean. In his lyrics, metaphors stand out that refer to migrations and displacements, configuring an identity path through the spaces and labyrinths of the poet's memory.

Keywords: Virgílio de Lemos, identity, insularity, Mozambican poetry, transits.

A ILHA NA ILHA
M'eiros na menstruação
dos ventos
no desafiar das pedras
e corais,
nos desventrados barcos
és nova equação, índica, swahili,
duas bocas de fome
e afiados punhais
de prata.
(LEMOS, 2010, p. 158)

No prefácio escrito para o livro *Ilha de Moçambique: a língua é o exílio do que sonhas*, Américo Nunes explica que a poesia virgiliana é, sobretudo, movimento. Segundo ele, “a poesia de Virgílio de Lemos, sendo a dicotomia ilha-mar, é [...] mais ilha que mar, um vaivém permanente entre isolamento e abertura” (NUNES, 2009, p. 10).

Carmen Lúcia Tindó Secco enfatiza que essas temáticas fundam novos vieses para a poesia moçambicana e salienta: “mar e ilha estão presentes na poesia de Virgílio de Lemos, a qual se plasma claramente relacionada à procura vertiginosa das origens” (SECCO, 2014, p. 64). Virgílio busca a ilha como metáfora do homem, e o que importa, realmente, são os trânsitos por esses espaços moçambicanos.

A Ilha de Moçambique, Muhipiti, foi o ponto por onde passaram, no decorrer de séculos, “persas, malabares, guzerates, baneanes, árabes e os swahilis” (CABAÇO, 2007, p. 78); além dos descendentes mesti-

ços que ali conviveram com os povos negros da África Oriental. Espaço de trânsitos e encontros, território fértil para a motivação da escrita literária.

Jéssica Falconi analisa a produção poética de alguns escritores moçambicanos das últimas décadas do século XX que têm o Oceano Índico e suas ilhas como eixo temático. Segundo ela:

De facto, ilhas e cidades portuárias são lugares privilegiados a partir dos quais se pensar o oceano como rede, por representarem a ideia do cruzamento, no duplo significado de hibridação e travessia. Nesta perspectiva, um primeiro ponto de articulação entre literatura moçambicana e Oceano Índico, útil para se evidenciarem convergências e especificidades, é dado pela representação literária da Ilha de Moçambique. (FALCONI, 2013, p. 79)

Para Carmen Lúcia Tindó Secco, “Virgílio de Lemos é outro poeta, cuja obsessão pelas ilhas do Índico é intensa” (SECCO, 2006, p. 20). Cosmopolita e universal, esse escritor persegue incessantemente encontrar “a ilha, o indizível, o sem-limites da própria poesia” (LEMOS, 1999, p. 157). Poeta insular que empenhou seu canto à Ilha de Moçambique e a outras ilhas do Norte do país: Ibo, Quirimbas, Mutanda, Mutumwe, Ouami-si. Um homem em trânsito pelos espaços moçambicanos, que soube converter em matéria poética a sua errância e as suas vertigens:

ESTALO DA LÍNGUA

[...]

Matemwé Kirimba Kissanga monção
nos inventários de Meroé desejo e voz
crepuscular e mineral da errância
rituais da invenção Mecúfi
Mocujo e Pemba noites viajantes
esteiras e raízes aéreas
frangipanis baneanas
frangipanis baneanas
kifulo-me ouamiso-me iboizo-me e
sendo mil sou eu
no império dos sentidos. (LEMOS, 1999b, p. 32)

Como bem observa Américo Nunes: “com Virgílio de Lemos estamos no caso de uma ‘insularidade’ muito sui generis, que faz explodir o seu conceito tradicional para abrir novas vias” (NUNES, 1999, p. 11). As ilhas se metamorfoseiam em um “inventário de experiências”, em um “um vulcão de vivências”.

No fragmento lido, do poema “Estalo da língua”, o poeta transforma o nome das ilhas em verbos: “kifulo-me ouamiso-me iboizo-me”, reforçando o trânsito por esses lugares; trânsito humano e literário. Virgílio se empenha em ressaltar a multiplicidade de matrizes que compõem as ilhas moçambicanas, evidenciando as relações e as trocas culturais que fundaram tais espaços.

Aqui se fala sobre as “raízes aéreas”, metáfora significativa, visto que, ao contrário das raízes comuns, elas não estão fincadas em um lugar específico; têm mobilidade e se deslocam, assim como a própria pa-

lavra e seus sentidos múltiplos. Além disso, as raízes aéreas se espalham e alcançam diversos lugares e culturas que se encontram pelas águas do Oceano Índico.

A metáfora das “raízes aéreas” também pode ser entendida a partir da teoria da Relação de Edouard Glissant. Para o estudioso, a noção da Relação parte do pressuposto de se considerar a confluência de diversas manifestações culturais em territórios colonizados. Moçambique, especialmente, é um território de múltiplas interferências e de sincretismos culturais. A ideia de “rizoma”, segundo Glissant, opõe-se às concepções tradicionais sobre identidade, negando a perspectiva unilateral. A identidade rizoma contrapõe a noção de identidade “real”, pois advém, na opinião de Glissant, “da identidade como fator e como resultado de uma criouliização, ou seja, da identidade não mais como raiz única, mas como raiz indo ao encontro de outras raízes” (GLISSANT, 2005, p. 27).

Nazir Ahmed Can explica que “Imaginários cruzados e reformulados, oriundos de uma história milenar de contatos comerciais e culturais, fazem do Índico uma região de originais confluências” (CAN, 2013, p. 94). (CANA representação das ilhas, proposta por Virgílio de Lemos, afasta-se, de certa forma, do discurso oficial da moçambicanidade, na medida em que suscita a multiplicidade das narrativas advindas dos espaços insulares.

Na concepção de Virgílio, “as ilhas, de um modo geral, são um resumo metafísico do universo” (LE-

MOS, 2009, p. 26); logo, elas representam a permanência dos múltiplos cruzamentos culturais, ocorridos ao longo dos séculos, no espaço moçambicano. A propósito, ele afirma:

Eu canto a Ilha de Moçambique, cujo nome original era Muipíti, pois lá se encontram heranças várias: manuelinas, mouras, swahilis, macuas. Da Ilha de Ibo, trago a memória dos encantos swahilis e macuas, da imponência das fortalezas lusas e das construções árabes, da leveza e do labor dos artesanatos de prata, do mistério do azul do mar [...] (LEMOS, 1999, p. 157).

Nos versos dedicados às ilhas de Ibo e Ouamisi, temos uma declaração de amor a esses espaços, que são resgatados pela memória do poeta:

Ibo e Ouamisi

Da voragem das vagas
amor
eu serei os grãos de sal
de tua ausência
De teu corpo de sol
a luz
que faz e desfaz intemporal
o teu silêncio! (LEMOS, 1999, p. 33)

A ilha de Ibo, onde o poeta nasceu, e Ouamisi, outra ilha do Norte de Moçambique, o fazem reencontrar as paisagens matriciais presentes em suas memórias. Da errância por esses lugares emergem lembranças afetivas de sons e cores do oriente africano.

Temos, entre os cinco sonetos que compõem a primeira parte do livro *Para fazer um mar, “Ouamisi”*, cujo título faz referência à ilha. Nesse soneto, lê-se:

Será desta luz d’equinócio o manto verde azul
quem te confere teu ar de canto singular?
será que o mistério vem mais da luz iridiscente
que de tua alma errante em busca da vertigem?

Etiópia Sudão Novo Mundo e Extremo Oriente
escravos e canelas, baixelas de prata bordados.
Será que posso falar de omnipresente osmose
entre o sagrado e o grito mineral da carne?

Efebos e mulheres, conquistadores e naus
entre o simulacro de uns, de outros a firmeza,
neste santuário de almas, a gênese irrompe.

como se o génio da memória e da paisagem
se beijassem na imediatez do que reclamo
e do oceano imprevisível, nascesses tu, ilha. (LEMOS,
2001, p. 17).

Os primeiros versos do poema apresentam a Ilha Ouamisi, musa a quem dedica o seu canto, interrogando sobre o que a faz tão singular: suas cores furtivas, as luzes de arco-íris, as formas e os mistérios ou os trânsitos de pessoas e culturas que (con)formam a “tua alma errante em busca da vertigem?”. Homens provenientes de vários lugares, etíopes, sudaneses, vindos do Extremo Oriente, protagonistas da diáspora negra em direção ao Novo Mundo; efébos, mulheres e europeus colonizadores. Ouamisi é

lugar sagrado, mas também espaço de relações e entrecruzamentos de pessoas e memórias.

No espaço encenado nesse poema, metonímia do país africano e de suas ilhas, tem-se uma realidade de funcionamento única, fecundada a partir desse mosaico de relações. O lugar aqui apresentado é produto das inter-relações; logo, esfera da multiplicidade, tanto física quanto simbólica. A paisagem viva da ilha é metaforizada pelo “santuário de almas”.

Esse “santuário de almas”, evocado em “Ouamisi”, ganha contornos e formas no corpo do poema; o eu lírico expõe “o grito mineral da carne” de escravos e negros, contrapondo-o ao espaço de riqueza e ostentação das baixelas de prata, metonímia do colonizador. Nesse contexto, a ilha é delineada como espaço habitado, como memória e como paisagem viva, onde se entrecruzam pessoas, costumes e relações.

Américo Nunes, a propósito da poesia insular de Virgílio de Lemos, afirma:

Língua capaz de ser ‘movimento’, ‘vertigem’ que eroticamente, não esconde as chagas da memória e da própria história. E da história de cada um dos povos e civilizações que participaram da expansão marítima, no tráfego de escravos, no escravismo... O poeta viaja pelo corpo. E pelo corpo da memória” (NUNES in LEMOS, 1999, p. 10)

O corpo da memória, citado por Américo Nunes, tematiza vários poemas do ortônimo Virgílio de Le-

mos. As imagens do inconsciente desse poeta são retidas e, depois, reavivadas pelas reminiscências. Virgílio de Lemos extrai do passado e da memória o “passado-presente” que se atualiza conforme a urgência das questões que suscita. Como observa Alfredo Bosi (1977):

Mesmo quando o poeta fala do seu tempo, da sua experiência de homem de hoje entre homens de hoje, ele o faz, quando poeta, de um modo que não é o do senso comum, fortemente ideologizado; mas de outro, que ficou na memória infinitamente rica da linguagem. O tempo ‘eterno’ da fala, cíclico, por isso antigo e novo, absorve, no seu código de imagens e recorrências os dados que lhe fornece o mundo de hoje, egoísta e abstrato. (BOSI, 1977, p. 112).

Como “narrador” de seu tempo e de seu país, ele faz alusões constantes às “vozes dos mortos”, figuras pujantes da memória e do espaço reconstruído pelo poeta. As “chagas da memória”, como define Américo Nunes em prefácio à *Ilha de Moçambique*, estão em “A voz dos mortos”, poema que resgata vozes dos que foram esquecidos e silenciados pela história oficial de Moçambique:

A voz dos mortos

é mais a voz dos mortos que te inquieta
e viola o teu silêncio
é mais a voz dos que foram esquecidos
supliciados da anónima morte
quem banaliza o teu canto.

é mais a voz dos mortos quem te insulta
enquanto confusa e gasta
a tua voz murmura e se esconde
nas sombras da improvável noite. (LEMOS, 2009, p.
85)

Em outro poema, “A ilha dos amores”, dedicado a Luís de Camões e a Fernando Pessoa, a pulsão das memórias alude aos mortos (poetas e navegadores portugueses) e ao inventário de mitos que compõem o espaço geográfico e literário da nação moçambicana:

A ilha dos amores
(Ao Luís de Camões, ao Fernando Pessoa)

A ilha dos amores é a casa dos mortos, a nau habitada de infernos, tumultos, espantos, a gruta dos fogos da alma e obsessões do corpo, culto das rotas interiores. Solidão, medo e fim, erras

na bruma, sol e sedas do teu corpo, silêncios e gritos, inventários de mitos, a beleza em busca de si mesma, confiante, inquieta, fulgurante e neutra interrogando-se acoplada ao destino em ti. Sangue.

O desejo transcende a destreza dos gestos, felino desdobra-se em impulsos e garras, dos pés à cabeça teu corpo de unhas e asas, convés dos sentidos.

na manhã azul, a morte lembra à vida, que o éden é efêmero, frágil a rede onde os peixes se perdem entrelaçadas vozes, lábios da vertigem do nada. (LEMOS, 2009, p. 59)

O título desse poema resgata a imagem da “ilha dos amores” citada por Camões no final d’*Os Lusíadas*. Existe a hipótese de que essa “ilha dos amores” seja a “Ilha de Moçambique”. A coincidência se dá porque Camões, ao contar a viagem de Vasco da Gama às Índias, em 1498, inicia o percurso pelo Oceano Índico, a caminho da Ilha de Moçambique, “escala indispensável à boa travessia, rumo a Mombaça” (GONÇALVES, 2002, p. 44).

Gonçalves, em texto escrito em homenagem à Ilha de Moçambique, explica: “é justo argumentar que, se a ilha dos Amores fosse a Ilha de Moçambique, Camões não teria deixado de citá-la com todas as letras como fizera no Canto I” (GONÇALVES, 2002, p. 45). Eis os versos desse canto camoniano de *Os Lusíadas*:

Essa ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra certa escala.
De todos os que as ondas navegamos
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala.
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E, por que tudo em fim vos notifique.
Chama-se a pequena ilha – Moçambique. (CAMÕES, 2003, p. 47)

A “Ilha dos Amores” que o poema de Virgílio de Lemos evoca é, portanto, a “casa dos mortos”, “inventário de mitos”, “ponto de encontro de civilizações”, o que se evidencia pela explícita alusão ao poeta épico português. Desde as caravelas de Vasco da Gama rumo

às Índias, “a nau habitada de infernos”, confirmando o trânsito de pessoas e interesses por esse espaço.

O trânsito de Virgílio de Lemos pelos espaços insulares vai ao encontro das matrizes culturais portuguesas que estão, como observa Secco (2014): “submersas nas águas da história, história de feridas e de remorsos que calou as lendas e silenciou as tradições da terra” (SECCO, 2014, p. 65).

Nas diversas representações das ilhas, alguns fenômenos podem ser observados: a marca da fragmentação como elemento expressivo; a mobilidade das fronteiras entre o discurso poético e outros discursos, como o musical e o visual, trazendo associações sonoras e imagéticas inesperadas. Analisando tais procedimentos estéticos, Rita Chaves explica que a significação retorcida das palavras sinaliza um modo singular de se aproximar do objeto, “ao mesmo tempo em que apontam para uma maneira particular de conceber a poesia na sua relação com a modernidade” (CHAVES, 2002, p. 95).

No livro *O ser e o tempo da poesia*, Alfredo Bosi apresenta reflexões sobre a imagem, tratando, também, da filosofia da linguagem e das relações fundamentais entre imagem / metáfora / inconsciente. As proposições de Bosi (1977) permitem desvendar algumas pistas para a compreensão da poesia insular de Virgílio de Lemos.

Virgílio de Lemos escreveu poemas dedicados à Ilha de Moçambique, a ilha emblemática, dando a to-

dos o título “Muipiti” e reforçando traços que fazem deles metonímia de Moçambique. Há cinco poemas denominados “Muipiti” no livro *Ilha de Moçambique*, publicado em 1999. Desses poemas, apenas dois foram incluídos no livro *A Invenção das Ilhas*, de 2010. No segundo livro, os textos aparecem rasurados, com a inversão das duas últimas sílabas do título, transformando-os em “Muitipi”. Nos dois textos transcritos a seguir, a voz lírica evoca novamente as memórias da Ilha, espaço matricial e matéria de poesia, pulsão do desejo. Como os títulos dos dois poemas foram alterados, pode-se inferir que são memórias rasuradas, como o espaço moçambicano e as próprias memórias do poeta:

MUITIPI
(para uma sinhá da ilha)

É nas tempestades dentro de teu
corpo que escutas
os naufragos, os sinistrados,
os gritos das aves
a violenta explosão da luz
tâmaras e tamarindos,
ressuscitadas vozes
do desejo.

No meu tormentado coração
o sopro leve
de teus murmúrios, tuas
preces, rendas da memória,
luz de amores e
absurdos,
a última imagem, a última

viagem,
descalça e nua
que se reinventa, desmedida e crua. (LEMOS, 2010, p.
161).

MUITIPI

Desmedida, a memória é
criação,
herança fascinante [*Sic.*]
do desejo,
imaginário de luz,
transparência
das águas, mangais
de sensações e
dos sentidos.

Nova Alexandria ou Goa
douradas,
evocações do meu solitário
mundo,
crista da barbárie e
violência,
nas vagas do crime
vozes da infância,
que o mar transporta
na bruma, a tua boca
de emoções e
poentes.

a mágica memória, a infância
o segredo do teu desejo
recriam
as mil e uma viagens
das palavras, pensamento
e emoção, um novo
rosto para o teu silêncio e
solidão. (LEMOS, 2010, p. 162)

Os dois poemas, nomeados “Muitipi”, sugerem que os registros da Ilha de Moçambique são compostos pelos fragmentos resgatados e recriados pela memória, como revelam, por exemplo, os versos: “teu corpo que escutas os naufragos e sinistrados” e “a mágica memória, a infância / o segredo do teu desejo / recriam as mil e uma viagens das palavras”. Pela construção poética, a Ilha é delineada por imagens resgatadas do arcabouço da experiência, memórias tantas vezes rasuradas, inventadas. Segundo Bosi (1977), pode-se falar da deformação da imagem que se dá pela ação do tempo. Se, por um lado, a voz poética extrai alguns elementos da realidade vivida e recorre à memória para delinear suas lembranças, por outro, essas reminiscências escapam à lógica convencional. Tentando explicar esses processos, Alfredo Bosi (1977) argumenta: “O nítido ou o esfumado, o fiel ou o distorcido da imagem devem-se menos aos anos passados que à força e à qualidade dos afetos que secundaram o momento da sua fixação” (BOSI, 1977, p. 13). As memórias do poeta são marcadas por metáforas alusivas a um “eu” em desassossego: “Evocações do meu solitário mundo / crista da barbárie e violência”. Para Rita Chaves, é comum, em espaços colonizados, a memória evocar as lembranças de maneira distorcida e atormentada, porque “o desenho revela-se confuso e o exercício da palavra é um meio de revolver o terreno e extrair significados dos fragmentos ora depositados diante de cada olhar” (CHAVES, 2002, p. 96).

Partindo de suas experiências, o poeta inventa e reinventa a ilha, pela matriz de imagens e referências que compõem seu imaginário: “Desmedida, a memória é criação / herança fascinante do desejo”. De certo modo, a relação do poeta com a ilha é uma projeção da sua conturbada relação com o próprio país, “esse chão convulso onde, em movimento, se articulam desejos e tensões” (CHAVES, 2002, p. 95).

Moçambique é, ainda, um espaço em construção, em constante reconstrução tanto social quanto identitária. Em certos momentos, o poeta parece angustiada e melancólico, atormentado pelas incertezas acerca da condição histórica em que está inserido. O poema “A hora do pôr-do-sol”, um dos que integram a obra *A invenção das ilhas*, expressa esse estado de espírito:

A hora do pôr do sol

E é dentro do Nada que vivo
e me repito me desdobro
é dentro do Nada que existo
e me insinuo e me transponho
nos dos sentidos viajo.
Metáfora dentro de metáfora
gémeo do Nada repetido
na espiral da dor Nada
que se dissolve e se revolta
no desdobrado infinito. Nada. (LEMOS, 2010, p. 147-148)

Percebe-se a melancolia que está em “A hora do pôr do sol” também no soneto “Teu olho fixa a bruma”. Nessa “Ode a Camões e a Pessoa”, escrita na Ilha de Moçambique, em 1957, podemos ler:

TEU OLHO FIXA A BRUMA

Ode a Camões e a Pessoa

O teu olho embebido de tristeza
vê a bruma pesada de melancolia,
Virgílio e o mar da sua fantasia,
e tu carente de absurdos e beleza.

O teu olhar é mais olho do que sente
inteiramente que do visual exterior.
Será tua alma vagamente ausente
quem entristece a bruma da paisagem?

E face ao ciclone, ao furacão, revolto
há-de teu olho resistir mesmo feliz
e ser abstracção do violado real?

Dividido entre o naufrágio e a monção
entre o que és e o que vês, aceno vago
e desespero interior, teu olhar voga. (LEMOS, 2009, p. 456)

O eu lírico mostra-se consciente do estilhaçamento do seu país, metaforizado pelos termos “ciclone” e “furacão”; por isso, “mergulha em uma escritura de fantasmas e ruínas” (SECCO, p. 72), trazendo ao texto imagens atribuladas e referências a um estado de tristeza, que incorpora “a bruma pesada da melancolia”.

Carmen Lúcia Tindó Secco, em ensaio crítico sobre a “insularidade reinventada” de Virgílio de Lemos, escreve:

Na poesia de Virgílio, as ilhas se encontram ligadas ao erotismo próprio de seu “barroquismo estético”, que se expressa enquanto jogo, perda, desperdício e gozo em relação ao objeto perdido. A “*ilha, resumo metafísico do mundo*”, segundo palavras do próprio Virgílio, é o que é buscado, embora o importante seja a viagem. Ibo, espaço matricial, se torna o lugar da meditação e do reencontro com as paisagens remotas, assim como também as outras ilhas de sua poesia, espaços cheios de luz e cor, de raios solares incandescentes. (SECCO, in: <http://repositorio.lusitanistasail.org/secco01.htm>)

Os apontamentos da pesquisadora reiteram que, na poesia de Virgílio de Lemos, as ilhas são reinventadas sob o viés do erotismo, numa construção estética que o poeta denomina como “barroco estético”. O recurso estético permite que, em alguns momentos, a ilha se transfigure em corpo feminino, evocada pelo erotismo das palavras: “Eu beijo a ilha / o teu mamilo violeta / e o vento e o ar / que se namoram e se beijam” (LEMOS, 1999, p. 49). A mesma expressão erótica permanece nos versos: “Eu beijo a ilha e o fogo / dos nomes alimenta / a alma dos ausentes / histórias de amor e guerras / que o mar encerra” (LEMOS, 1999, p. 50). O corpo do poema transfigura-se em corpo da Ilha, da mulher, com sentidos que se entrelaçam por meio do apelo ao erotismo.

Carmen Lúcia Tindó Secco (2014) explica, ainda, que, na estética de poetas moçambicanos como Virgílio de Lemos, Rui Knopfler, Patraquim, White e Saúte, o mar e as ilhas conduzem aos sonhos perdidos na memória, aos afetos profundos que motivam os seres. Segundo ela, tais poetas “cantaram o *m’siro* e os costumes macuas das ilhas do Norte moçambicano” (SECCO, 2014, p. 64).

“A resistência tem muitas faces”, afirma Alfredo Bosi (1977, p. 144). A poesia insular de Virgílio de Lemos resgata espaços matriciais e memórias, com a intenção de rever, literária e criticamente, a fragmentada história de Moçambique. Em textos metapoéticos, como é comum na poesia moderna, o fazer literário torna-se também matéria de poesia; a poética teoriza sobre ela mesma, problematizando as questões humanas, como é próprio da literatura e da arte. Nesse processo, a busca do indizível evoca o erotismo, percebendo-o como o “lugar matricial onde a linguagem rejuvenesce a cada instante”, como bem acentua Carmen Lúcia Tindó Secco. Pode-se afirmar que a linguagem se faz mais lírica e poética, ao evocar o desejo e a sensualidade. E, se ainda é possível crer em sonhos e em utopias, é pela poesia das ilhas que Virgílio de Lemos evoca múltiplos caminhos para o seu lirismo cosmopolita.

Referência

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

CAMÕES, Luiz Vaz de. *Os lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 2003 [1572].

CAN, Nazir Ahmed. Índico e(m) Moçambique: notas sobre o outro. *Diacrítica*, Dossier narrando o Índico, Revista do Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, n. 27, n. 3, p. 93-120, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807=89672013000300007-&lng=pt&nrm=iso&tlng-pt>. Acesso em: 10 jan. 2016.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). *Marcas da diferença - as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

FALCONI, Jéssica. “Para fazer um mar”: literatura moçambicana e Oceano Índico. In: *Revista Diacrítica*, Dossier narrando o Índico, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, n. 27, n. 3, p. 93-120, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807=89672013000300006-&lng=pt&nrm=iso&tlng-pt>. Acesso em: 10 mar. 2016.

GLISSANT, Élouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

LEMOS, Virgílio de. *Eroticus moçambicanus: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944/1963) / Virgílio de Lemos & heterônimos; Carmen Lúcia Tindó Secco (organização e apresentação)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Faculdade de Letras, UFRJ, 1999a.

LEMOS, Virgílio de. *Ilha de Moçambique - a ilha é o exílio do que sonhas*. Maputo: Amolp, 1999b.

LEMOS, Virgílio. *A invenção das ilhas. Organização e posfácio de António Cabrita. Maputo: Escola Portuguesa de Moçambique, 2009.*

LEMOS, Virgílio de. *Negra Azul: retratos antigos de Lourenço Marques de um poeta barroco (1944-1963). Maputo: Instituto Camões - Centro Cultural Português, 1999c.*

LEMOS, Virgílio de. *Lisboa, oculto amor - antologia breve (1974-1999). Coimbra: Minerva, 2000.*

LEMOS, Virgílio de. *Para fazer um mar. Lisboa: Instituto Camões, 2001. (Coleção Insularidades).*

LEMOS, Virgílio de. *Jogos de prazer. Virgílio de Lemos & heterónimos: Bruno Reis, Duarte Galvão e Lee-Li Yang. Organização do volume e prefácio de Ana Mafalda Leite. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2009.*

PATRAQUIM, Luís Carlos. Os barcos elementares. In: PATRAQUIM, Luís Carlos. *Vinte e tal novas formulações e uma elegia carnívora. Lisboa: Ed. ALAC, 1991. p. 41-42.*

SAÛTE, Nelson; SOPA, António. *Ilha de Moçambique pela voz dos poetas. Lisboa: Edições 70, 1992.*

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Afeto & Poesia. Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.*

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. O imaginário das ilhas em alguns poetas moçambicanos. *Revista Camoniana*, v. 18, p. 15-27, 2006.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. As Índicas Águas da (na) Poesia Moçambicana. *Diadorim - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, número especial, 2016.